

O país divisível

02 JUL 1968

Moacir Werneck de Castro

Dessa Minas Gerais escapou. Se não é indivisível, permanece até segunda ordem indivisa. Venceram na Constituinte os partidários da unidade do estado, os quais, acredito, são a maioria esmagadora da população. A mineiridade inteiriça triunfou sobre a secessão, tendo como principal porta-voz Afonso Arinos de Melo Franco.

O senador é um exegeta da mineiridade. Já em 1973, ao saudar na Academia Mineira de Letras o novo membro Tancredo Neves, ele tinha dado uma interpretação engenhosa sobre as duas componentes desse fenômeno brasileiro, que são o mineirismo (cultural) e a mineirice (política). Do primeiro podem ser exemplo os devaneios intelectuais dos poetas inconfidentes; da segunda, a principal característica seria a matreirice, a picardia. Tancredo representaria uma síntese das duas coisas. Venceu a mineiridade, pois.

Muito chegado a Minas Gerais por várias razões — entre as quais algumas preciosas amizades e o fato de ter tido minha base sentimental de infância e adolescência, além do Rio, no município fluminense de Rio das Flores, próximo de Minas — me sinto motivado preponderantemente pelos argumentos subjetivos nessa questão de separatismo do Triângulo Mineiro. Acho que os habitantes da região que querem formar um novo estado devem esperar mais o rolar do tempo. Pelo menos até que a televisão complete a obra que vem fazendo com letal eficácia, ao dissolver a individualidade, as culturas e o modo de ser das províncias na pasta insossa de um Brasil despessoalizado, amorfo, comandado por uma força pior do que qualquer modalidade de centralismo estatista.

Dividir, sob determinado aspecto, é um trabalho destruidor. Com o seu humor vitriólico, swisftiano, Graciliano Ramos tinha uma proposta que ia logo ao extremo. Sugeriria que se acabasse com Sergipe e Alagoas (seu estado natal) para fazer naquele espaço um golfo, já que o Brasil não possui nenhum.

Todos sabem que os mapas políticos se alteram com frequência. Países podem ser esmagados, varridos da face do mapa-múndi; ou partilhados e repartilhados, como mostra o exemplo histórico da Polônia. A proliferação no interior de um dado país, por cissiparidade, feito as células, é fenômeno mais brando, mas também inquietante quando se perde o controle: pode ser aparentado ao câncer.

O Brasil, nos últimos tempos, viu surgirem três novas unidades federadas: o Acre, Mato Grosso do Sul e Rondônia. Estão na bica Amapá, Roraima e Tocantins. Pretende-se criar também o Tapajós, formado por uma boa fatia do Pará. O plebiscito para decidir sobre o destino do Triângulo caiu na Constituinte, mas os sentimentos autonomistas não foram por isso arquivados em definitivo. O Estado do Rio fica como está depois da fusão com a Guanabara, antigo Distrito Federal. E, outra novidade desta semana, Pernambuco anexou a ilha de Fernando de Noronha.

O separatismo costuma vir forrado de argumentos econômicos de algum efeito propagandístico, mas cuja validade o julgamento da maioria dos brasileiros repele. O vírus contagia também municípios e até bairros. Pois não é que o plantaram até na Barra da Tijuca? Neste caso, pelo menos, é de esperar que a moda da divisão não se concretize: estão por demais com o rabo de fora os interesses negocísticos, imobiliários em especial.

Tocantins, Tapajós... Possivelmente teremos daqui a pouco os estados do Araguaia, do Xingu, do Rio Negro. Todos, naturalmente, montando suas custosas máquinas burocráticas num momento em que o país está falido, e elegendo uma profusão de senadores, deputados federais e estaduais, em gritante desproporção com os estados mais populosos, onde a cédula eleitoral do cidadão vale menos do que nos rincões onde reinam o latifúndio e o voto de cabresto. Francamente, não parece nada estimulante essa perspectiva. Uma coisa é reconhecer, na organização nacional, as novas realidades econômicas regionais; outra, lançar-se açodadamente no caminho da partilha por atacado. Vamos com calma.

Duvido que a fúria partilhante ajude a melhorar o Brasil e a fortalecer a unidade nacional, da qual se costuma falar, historicamente, como um milagre — mais um milagre brasileiro, a provar que Deus é nosso patricio. (Terá nascido onde, em Pirajuba, em Bacabal, em Cristalândia?).

Pode ser, até, como já ouvi, que apresentem a divisão progressiva como um antídoto às tendências separatistas que têm repontado aqui e ali, no curso de nossa história, como uma espécie de exacerbação patológica do federalismo. O sentimento separatista já foi concretamente palpável e São Paulo, onde há pouco mais de meio século eclodiu a chamada revolução constitucionalista, cujo aniversário se comemora no próximo sábado, 9 de julho.

Hermes Lima, um baiano que andou por São Paulo naquele tempo, e chegou a combater nas fileiras revolucionárias contra o poder federal, registra o aparecimento do "fantasma do separatismo" oposto ao "fantasma do comunismo". O refrão era: "Se possível com o Brasil, se necessário contra o Brasil." Foi uma ilusão coletiva cuja derrota deixou muitos paulistas num estado de tremenda frustração, de verdadeiro ódio a tudo que fosse nortista. Paradoxalmente, a desigualdade do desenvolvimento brasileiro, com a intangibilidade da grande propriedade rural nas regiões mais atrasadas, veio a fazer de São Paulo o centro principal da maciça migração nordestina, o Sul Maravilha dos sonhos de milhões de miseráveis.

Mas que espécie de antídoto ao orgulho paulista poderia ser a elevação de Roraima, Amapá, Tocantins, Tapajós etc., agora, à categoria de estados? Que efeito terá facultar a tais novas unidades o mesmo número de senadores e um número proporcionalmente muito superior de deputados? Vista por esse ângulo, a coisa tem visos de pura insensatez. Não vamos declarar intocável o mapa do Brasil, nem dar o país por indivisível; mas devagar com o andor, que o santo é de barro.

JORNAL DO BRASIL